

MÍDIA REGIONAL E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES JUVENIS: ESTEREÓTIPOS, PODER E NORMALIZAÇÃO

REGIONAL MEDIA AND THE PRODUCTION OF YOUTH SUBJECTIVITIES: STEREOTYPES, POWER, AND NORMALIZATION

MEDIOS DE COMUNICACIÓN REGIONALES Y PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES JUVENILES: ESTEREOTIPOS, PODER Y NORMALIZACIÓN

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-243>

Data de submissão: 22/11/2025

Data de publicação: 22/12/2025

Iaqueelly de Sousa

Mestranda em Comunicação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (PPGCOM-UFPI)

E-mail: iaquelley.sousa@ufpi.edu.br

Lívia Fernanda Nery da Silva

Doutora em Ciências da Comunicação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (PPGCOM-UFPI)

E-mail: livia@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente artigo visa compreender a atuação dos portais regionais na construção de concepções do jovem/juventude. A pesquisa é de cunho qualitativo segundo Goldenberg (2004) e possui como metodologia a análise de conteúdo sob o viés de Bardin (2016), tendo como observáveis os portais RiachãoNet e Cidades na Net, localizados no município de Picos/PI, analisando as matérias publicadas por eles no mês de janeiro de 2024. O estudo utilizou as perspectivas teóricas de Foucault (1987; 2004), Rolnik (2018), Deleuze e Guattari (2011) e Guattari e Rolnik (2011). Como resultados, verificamos que os portais utilizaram modos de ver os jovens/juventude estereotipados e negativos, subjetivando-os como traficantes, irresponsáveis e vítimas, refletindo relações de poder que perpetuam estigmas e marginalizações atreladas ao jovem/juventude.

Palavras-chave: Mídia Regional. Juventudes. Produção de Subjetividades.

ABSTRACT

This article aims to understand the role of regional portals in shaping conceptions of youth. The research is qualitative in nature, according to Goldenberg (2004), and employs content analysis methodology based on Bardin (2016) approach. The study examined the portals RiachãoNet and Cidades na Net, located in the municipality of Picos/PI, analyzing the articles they published in January 2024. The theoretical perspectives of Foucault (1987; 2004), Rolnik (2018), Deleuze and Guattari (2011), and Guattari and Rolnik (2011) were used. The results show that the portals employed stereotypical and negative ways of viewing young people, framing them as drug traffickers, irresponsible individuals, and victims, reflecting power relations that perpetuate stigmas and marginalization associated with youth.

Keywords: Regional Media. Youth. Production of Subjectivities.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo comprender el papel de los portales regionales en la construcción de concepciones sobre los jóvenes y la juventud. La investigación es de carácter cualitativo según Goldenberg (2004) y utiliza como metodología el análisis de contenido según Bardin (2016), tomando como observables los portales RiachaoNet y Cidades na Net, ubicados en el municipio de Picos/PI, y analizando los artículos publicados por ellos en el mes de enero de 2024. El estudio utilizó las perspectivas teóricas de Foucault (1987; 2004), Rolnik (2018), Deleuze y Guattari (2011) y Guattari y Rolnik (2011). Como resultado, verificamos que los portales utilizaron formas estereotipadas y negativas de ver a los jóvenes, subjetivándolos como traficantes, irresponsables y víctimas, lo que refleja relaciones de poder que perpetúan los estigmas y la marginación asociados a los jóvenes.

Palabras clave: Medios Regionales. Juventudes. Producción de Subjetividades.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral compreender como os portais RiachaoNet (RN) e Cidades na Net (CnN) participam da construção de modos de conceber o jovem e a juventude no município de Picos, tomando como recorte o primeiro mês do ano de 2024. Especificamente, busca-se: mapear as notícias relacionadas à temática da juventude, a partir da busca pelas palavras-chave “jovens” e “adolescentes” nos dois portais; discutir o papel da mídia na constituição de subjetividades; identificar os modos de ser jovem/juventude mobilizados pelas narrativas jornalísticas; e verificar se as estereótipias produzidas contribuem para visões predominantemente positivas ou negativas sobre os jovens, analisando como tais representações participam da elaboração de concepções coletivas, sobretudo no contexto local/regional.

A análise das representações midiáticas de diferentes grupos sociais constitui um caminho relevante para pesquisas educativas em comunicação, pois, ainda que não seja a função primordial do jornalismo, os produtos midiáticos influenciam práticas de socialização e modos de interpretar o mundo. Além disso, ao narrar acontecimentos e produzir enquadramentos, a mídia participa de processos de construção simbólica que incidem sobre identidades, comportamentos e expectativas sociais.

Nesse sentido, Silverstone (2002) ressalta a presença constante da mídia no cotidiano e a necessidade de compreender sua atuação na produção de significados e na configuração das experiências sociais. Para o autor, os conteúdos midiáticos, disseminados por meio de informações, organizam modos de pensar, sentir e agir, oferecendo referências culturais e tendências que atravessam a vida social.

Diante disso, torna-se fundamental investigar o jornalismo produzido em âmbito local no caso deste estudo, os portais picoenses RiachaoNet e Cidades na Net. A proximidade territorial e simbólica desses veículos com o público que os consome contribui para que suas narrativas atuem como mediadoras da vida comunitária.

Desse modo, analisar como tais informações chegam à população mostra-se crucial, especialmente porque, muitas vezes, esses conteúdos são permeados por estereótipos, enquadramentos simplificados e processos de subjetivação que influenciam a forma como certos grupos, como os jovens, são percebidos.

Para desenvolver esta investigação, adotou-se a metodologia de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Sob a perspectiva da autora, trata-se de um conjunto de técnicas sistemáticas de descrição, categorização e interpretação das mensagens, capaz de revelar significações que ultrapassam o conteúdo manifesto. Neste estudo, a Análise de Conteúdo orienta o exame das

representações dos jovens/juventudes veiculadas pelos portais regionais, permitindo compreender os sentidos produzidos pelas matérias jornalísticas e os modos como estruturam uma visão social sobre a juventude picoense.

2 MÍDIA, PODER E A SUBJETIVADA

A mídia é um dos vários mecanismos de poder que pautam estilos de vida, comportamentos e subjetivação, atuando em conjunto com outros elementos, com base na lógica do consumo. Os discursos da mídia difundem desejos, anseios e necessidades de consumo de produtos e serviços, as mídias também fazem circular como certos indivíduos se veem e são vistos pela coletividade, produzindo modelos identitários que reforçam determinadas tipificações em detrimento de outras.

Atualmente, os meios de comunicação figuram entre as principais instituições responsáveis pela circulação de projetos políticos, econômicos e culturais que alcançam um público amplo e heterogêneo. Entretanto, essa atuação não é neutra: ela se dá de modo seletivo, conferindo visibilidade a certas narrativas enquanto silencia ou obscurece valores, grupos sociais, discursos e leituras alternativas sobre um mesmo evento.

A transformação de acontecimentos em notícias, como observa Bourdieu (1997), insere-se em um mercado de consumo rápido de informações, marcado pela superficialidade e pela padronização dos enfoques. A grande mídia, nesse cenário, tende a privilegiar interesses de conglomerados detentores de capital econômico, político e cultural, influenciando diretamente a maneira como os fatos são enquadrados e hierarquizados.

Nesse processo, não é raro que as demandas e vivências de grupos com menor capital econômico e simbólico sejam invisibilizadas ou invalidadas. Sujeitos historicamente marginalizados como populações pobres, pessoas com baixa escolaridade e grupos racializados em uma estrutura colonial-capitalista são frequentemente representados de forma estigmatizada: como violentos, criminosos, desorganizados, drogados ou perigosos.

Suely Rolnik (2018) contribui para compreender esse fenômeno ao propor o conceito de “Inconsciente Colonial-Capitalista (ICC)”, que evidencia como traços estruturais das opressões do período colonial e patriarcal persistem na contemporaneidade, moldando percepções e produzindo subjetividades marcadas por discriminações de gênero, raça, classe, idade, entre outros marcadores sociais.

Dialogando com essa perspectiva, Deleuze e Guattari (2011) enfatizam que, nos processos de subjetivação, as concepções identitárias unitárias e universais perdem relevância diante de uma dinâmica pulsional que descentraliza o sujeito. Essa dinâmica é constantemente capturada por forças

capitalistas que buscam produzir subjetividades ajustadas às necessidades do mercado e à racionalidade política dominante.

Assim, a subjetividade é deslocada para um lugar ao mesmo tempo familiar e estranho, abalando referências identitárias e gerando desconfortos persistentes que muitas vezes, são naturalizados por meio de estereótipos. Na interpretação de Guattari (2011) e Rolnik (2018), quando um corpo perde a possibilidade de manifestar sua singularidade, ele se converte em um “receptáculo vazio”, uma tela na qual se imprimem modelos subjetivos hegemônicos. Essa captura da potência criativa e expressiva pode gerar sensação de mal-estar, conduzindo os indivíduos a projetar tensões internas no mundo exterior.

Desse modo, a subjetividade é levada a uma condição simultaneamente estranha e conhecida, que abala seu contorno e as imagens que possui de si e do mundo, gerando um desconforto persistente. Essa instabilidade é alimentada pelos estereótipos, que se tornam sua justificativa. Nos sistemas de criação de subjetividades capitalistas, a subjetividade pode ser moldada para se alinhar à lógica do mercado e a outros objetivos em benefício de interesses políticos, através dos processos de subjetivação.

Ainda na ótica de Guattari (2011), Rolnik (2018) descreve que quando um corpo perde sua subjetividade, torna-se um receptáculo vazio, uma espécie de tela em branco onde não se possui espaço para a manifestação de sua singularidade, tornando-se incapaz de canalizar sua força criativa e cooperativa, o que pode resultar em um sentimento de mal-estar, que o leva a projetar no mundo exterior.

Vivemos, portanto, em um sistema de subjetivação pré-estabelecido, sustentado por visões de mundo dominantes que regulam quais experiências podem ou não integrar a produção de novas subjetividades. Assim, compreender a mídia exige analisar não apenas o que ela afirma, mas também como afirma, já que suas narrativas resultam de relações de poder que selecionam, editam e desqualificam determinadas vozes e interpretações.

Foucault (2004) reforça essa compreensão ao conceber o poder como uma dinâmica de forças que atravessa todo o corpo social. O poder não se possui, mas se exerce, não é exclusividade de uma instituição centralizada, mas manifesta-se nas práticas cotidianas, nos discursos, nos gestos e nas relações. Ele opera tanto disciplinando quanto solicitando a cumplicidade dos sujeitos que o exercem e que a ele se submetem.

Essa abordagem ajuda a entender o papel de jornalistas, fotógrafos, editores, anunciantes e empresários da comunicação: todos compõem redes de práticas atravessadas por regimes de verdade, que definem o que pode ser dito e visibilizado em um dado contexto. As narrativas jornalísticas,

portanto, formam uma malha de enunciados estruturada por funções institucionais e negociações de poder, ora reproduzindo, ora tensionando estruturas dominantes.

Sob esse viés, a mídia regional, embora socialmente associada à ideia de compromisso com o pertencimento e com a qualidade da informação local, também não está isenta de disputas políticas e econômicas. Quando os meios de comunicação estão vinculados a grupos políticos ou interesses empresariais, tornam-se comuns abordagens parciais, recortes seletivos e omissões de fatos que poderiam contrariar tais interesses. No contexto da região de Picos-PI, tais conexões são frequentes e influenciam significativamente a produção jornalística.

A esse respeito, a noção de proximidade torna-se central para compreender o impacto da mídia regional na construção de imagens sobre a juventude. Feliciano Barreiras Duarte (2005) destaca que a proximidade no jornalismo possui a “capacidade de gerar informação útil e com impacto mais imediato no dia a dia das populações”. Isso significa que os conteúdos produzidos por veículos locais tendem a atravessar diretamente a rotina das pessoas, pois tratam de acontecimentos e personagens com os quais o público mantém relações afetivas, territoriais e simbólicas.

Complementando essa perspectiva, Cicília Peruzzo (2003) afirma que a informação de proximidade é aquela que expressa as especificidades de um território, retratando acontecimentos orgânicos vinculados às dinâmicas sociais da região. Para a autora, os meios locais deveriam funcionar como espaços capazes de ouvir e dar visibilidade a uma diversidade de vozes de cidadãos, instituições, associações comunitárias e organizações sociais ampliando o debate público e fortalecendo a participação social.

Entretanto, quando essa lógica de proximidade se combina com representações estereotipadas, especialmente no caso da juventude, o impacto sobre a comunidade pode ser ainda mais profundo e problemático. Em regiões interioranas, onde o vínculo entre população e mídia regional é mais estreito, as narrativas jornalísticas frequentemente são interpretadas como verdades sobre o próprio grupo social. Assim, quando jovens são recorrentemente associados a criminalidade, violência ou condutas desviantes, esses discursos adquirem força para moldar percepções coletivas, influenciar expectativas e limitar possibilidades de existência para esses sujeitos.

Desse modo, a proximidade que poderia fortalecer a circulação de perspectivas plurais, como defendem Duarte (2005) e Peruzzo (2003) passa a potencializar os efeitos da estereotipação. Ao invés de promover representações diversas e contextualizadas, os portais regionais acabam, muitas vezes, reforçando imagens simplificadas que reverberam diretamente no modo como a juventude é compreendida no cotidiano local.

Por essa razão, optou-se pela análise de portais regionais, em especial o RiachaoNet (RN) e o Cidades na Net (CnN), ambos sediados em Picos–PI. Trata-se de veículos que se apresentam como produtores de conteúdos voltados ao contexto regional, conforme indicado em suas próprias descrições em redes sociais como o Instagram.

O Cidades na Net, por exemplo, define-se como um espaço de divulgação de “Notícias da região de Picos, do PI e MA” (CIDADES NA NET, 2025), enquanto o RiachaoNet utiliza o slogan “O portal de notícias da macrorregião de Picos” como forma de demarcar seu posicionamento territorial e editorial (RIACHAONET, 2025). Essas autodefinições evidenciam o compromisso declarado com a cobertura de temas locais e regionais, o que justifica sua escolha como objetos empíricos desta pesquisa.

A partir desse recorte, comprehende-se que as representações da juventude veiculadas por mídias regionais como o RiachaoNet e o Cidades na Net desempenham um papel central na construção de identidades locais. Ao mesmo tempo, tais representações constituem espaços simbólicos nos quais os jovens podem negociar pertencimentos e distinções sociais. Os conteúdos produzidos por esses portais tendem a refletir interesses, práticas culturais e valores associados às juventudes, favorecendo processos de identificação entre o público jovem e as narrativas midiáticas que circulam no âmbito regional.

Essa dinâmica dialoga com as reflexões de Freitas e Da Silva (2021), para quais a identidade juvenil é marcada pela volatilidade e por constantes negociações entre pertencimento e diferenciação, frequentemente mediadas pelo consumo e pelo engajamento em práticas culturais. De modo semelhante, as mídias regionais atuam como mediadoras desse processo ao oferecerem conteúdos que possibilitam aos jovens reconhecerem-se como integrantes de determinados grupos sociais, ao mesmo tempo em que os posicionam em relação às normas, expectativas e valores compartilhados pela comunidade local.

Diante disso, torna-se imprescindível problematizar as produções discursivas que contribuem para a constituição das subjetividades de uma pluralidade de jovens. Ao analisar essas narrativas, busca-se compreender como elas reverberam no cotidiano das populações e influenciam os modos de ver, compreender e representar a juventude no contexto regional, evidenciando os sentidos e disputas simbólicas que atravessam essas representações.

3 JOVEM, JUVENTUDE E JUVENTUDES

Mas o que é ser jovem, ou o que é juventude? Já foi dito que juventude é apenas uma palavra (Pierre Bourdieu, 1978). Ou, ao contrário, é mais que uma palavra (Marcelo Urresti e Mário Margulis

2008). no primeiro semestre, o interesse por essa faixa da população que possui definições e noções bem diferentes tem crescido exponencialmente, principalmente na área das Ciências Sociais. E perceber como ela é construída e difundida através da mídia regional é nosso objetivo através dessa pesquisa.

Comumente, a noção mais imediata da juventude, é que ela se trata de um período psicossocial, que se dá a partir da adolescência, período em que a idade é sinalizada pelas transformações biológicas, psicológicas e do início da inclusão do indivíduo em grupos sociais (Dayrell, 2005). Na lei que instituiu o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852) em seu artigo primeiro, define-se que jovem é aquela pessoa entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013).

Bourdieu (1978), na entrevista intitulada “A juventude é apenas uma palavra”, pondera que o termo juventude se trata de uma construção social resultante do conflito de gerações entre jovens e velhos, organizado apenas por este contraste: “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (Bourdieu, 1978, p. 1).

Desse modo, compreendemos que dependendo do ângulo em que se observa, podemos ser um jovem quando nos comparamos em relação a outra pessoa que possui uma idade maior, assim como podemos ser velhos quando nos comparamos a outra pessoa de idade menor, ou seja, a juventude abordada para este autor depende de um ponto de vista, de um referencial adotado.

O autor continua com a ideia de que dessa divisão surge também a divisão de poderes, já que ele imagina o lugar em que cada um deve ficar. Por essa razão, a separação entre as gerações é objeto de manipulação, já que a idade é uma referência biológica socialmente manipulada pela questão social; isto porque um adulto considerado assim pela sua faixa etária biológica determinada pode ser levado a categoria de jovem, isso conforme as condições sociológicas que vigorem no seu contexto social.

Ainda segundo Bourdieu (1978), falar sobre a juventude de maneira isolada já se tornaria um objeto de manipulação, pois ela integra no mesmo conceito contextos sociais que não tem nada em comum. Nem todos estudam, nem todos trabalham; nem todos sofrem privações, nem todos desfrutam dos mesmos meios de lazer; uns mal iniciam a vida sexual, outros já se tornam pais; nem todos fazem planos futuros, já que outros só têm o presente com que se preocupar.

Marcelo Urresti (2008) em um famoso artigo, intitulado propositadamente “A juventude é mais que uma palavra”, já mencionado no início, questiona o pensamento do sociólogo, compartilhando a autoria com Mário Margulis, ambos escreveram o trabalho por não acreditar que a abordagem de Bourdieu (1978) seja suficiente para abranger as imprecisões e as diversidades da categoria juventude.

A crítica principal deve-se ao fato de que Bourdieu parece estar satisfeito com uma perspectiva cultural, tratando o jovem como uma construção simbólica arbitrária ligada a certas características,

mesmo que estas sejam variadas. Para Urresti e seus colegas, é fundamental ir além do termo e incorporar na abordagem aspectos materiais, históricos e políticos atinentes à existência do homem, como ser social.

Nesse contexto, ao discutir a existência de juventudes (no plural), Margulis e Urresti (2008) abordam como as condições socioeconômicas de cada indivíduo impactam diretamente na forma como cada um experimenta essa etapa da vida: os jovens mais favorecidos economicamente têm a possibilidade de adiar a adoção das responsabilidades esperadas na vida adulta (o que os autores denominam moratória), dedicando-se aos estudos e ao lazer, enquanto postergam a formação de suas famílias e o ingresso em um emprego formal; já os jovens em situação de pobreza se veem obrigados a pular essa fase, uma vez que precisam entrar na vida adulta o mais rápido possível para garantir sua própria sobrevivência.

Margulis e Urresti (2008) também afirmam que pensar em uma única juventude leva a erros recorrentes: ou se homogeneiza o jovem a partir de uma óptica privilegiada, estando a referência naqueles indivíduos com alto poder aquisitivo (juventude dourada); ou se toma o todo como negativo, sendo a juventude detentora de todos os males, sinônima de delinquência (juventude cinzenta); ou se interpreta a partir de um olhar utópico, sendo os jovens esperança de um futuro melhor (juventude branca). Concluem, então, que é mais conveniente “falar de juventudes ou de grupos juvenis, em vez de apenas juventude” (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 14).

As discussões feitas até este momento mostraram que a juventude, do ponto de vista das Ciências Sociais, engloba a adolescência, permitindo a utilização dos termos como sinônimos. Mas deixamos claro, que isso se aplica apenas a essa questão, temos observado até então que não podemos totalizar ou homogeneizar todos os jovens da mesma maneira.

E é nesse viés dos autores Margulis e Urresti (2008), que ancoramos nosso olhar sobre juventudes, por entender que a homogeneização dos modos de juventude é prejudicial às subjetividades como já trouxemos anteriormente ancorados nos pensamentos de Guattari (2011) e Rolnik (2018) sob a ótica de Guattari (2011).

Discutir esses autores como referencial teórico faz-se necessário, para esse recorte, principalmente quando chegamos ao objetivo desse artigo, que visa analisar como o jovem vem sendo concebido nas matérias jornalísticas dos portais RiachãoNet e Cidades na Net.

Utilizamos como técnica de busca, na memória interna desses portais, as palavras-chave “jovem e adolescente”, com o intuito de delimitar a análise dos materiais veiculados na imprensa regional, selecionando as notícias de um universo amplo. Se não houvesse uma demarcação, poderiam

ocasionar confusão e ambiguidade. Por outro lado, isso não significa ignorar o debate empreendido até então. Pelo contrário, a proposta de analisar a construção midiática nos dois portais.

4 METODOLOGIA

A pesquisa será focada na análise das matérias publicadas nos portais regionais RiachaoNet e Cidades na Net no primeiro semestre de 2024, utilizaremos a busca por meio das palavras-chave nos dois portais “jovem” e “adolescente”. A partir delas empregaremos a análise de conteúdo sob a ótica de Bardin (2016) para investigar o conteúdo de cada matéria e apontar como esses portais estão construindo modelos da juventude através de produções discursivas nos produtos noticiosos.

A pesquisa apresenta caráter exploratório. Segundo Gonsalves (2011), a pesquisa exploratória busca esclarecer ideias e trazer uma primeira aproximação a um determinado fenômeno. Como trabalharemos analisando matérias, que são conteúdos que ainda não passaram por procedimentos analíticos, a pesquisa documental também nos será necessária.

No tocante dos dados faremos uma pesquisa qualitativa que para Goldenberg (2004) é um tipo de pesquisa que não se volta para a representatividade numérica, mas para o aprofundamento de um grupo social, de uma organização e, portanto, entendimento das dinâmicas sociais. Compreendemos que este tipo de pesquisa nos ajudará a compreender o conteúdo dos sites e o modo como os mesmos construíram as ideias de juventude junto à coletividade.

Sobre a técnica de coleta de dados, trabalharemos com análise de documentos que, segundo Martino (2018), é uma técnica bastante explorada nos estudos de comunicação. Ao entendermos as notícias jornalísticas como documentos nos distanciamos das vertentes de estudo positivistas, que desconsideravam o jornalismo como fonte documental.

5 AS JUVENTUDES CONSTRUÍDAS PELOS PORTAIS

Para conseguirmos elencar e discutir as modelizações adotadas nas narrativas construídas pelos portais em suas publicações, precisamos mapear todas as matérias que, e que correspondessem ao período definido, para tanto, construímos uma tabela, contendo as informações dadas pelos portais: a identificação do portal; o título da matéria, o link da mesma, os modelos discursivos em torno do jovem/juventude utilizadas na matéria e a editoria em que ela foi publicada.

Tabela 01- Mapeamento das Matérias

Portal	Data	Título da matéria	Link da matéria	Modelos discursivos em torno do jovem/juventude	Editoria
RiachãoNet	04/01/24	Adolescente de 16 anos é detido com grande quantidade de drogas em Picos	https://www.riachaonet.com.br/portal/adolescente-de-16-anos-e-detido-com-grande-quantidade-de-drogas-em-picosa/	Aviôzinho.	Polícia
Cidades na Net	05/01/24	Colisão entre moto e carro deixa jovem gravemente ferido em Picos	https://cidadesna.net/news/municípios/picos/colisao-entre-moto-e-carro-deixa-jovem-gravemente-ferido-em-picosa/	Irresponsável.	Municípios
Cidades na Net	31/01/24	Jovem de 24 anos morre em acidente entre moto e caminhão na BR-316 em Picos	https://cidadesna.net/news/municípios/picos/jovem-de-24-anos-morre-em-acidente-entre-moto-e-caminhao-na-br-316-em-picosa/	Vítima	Municípios

Fonte: Autoria própria (2024)

De antemão é necessário problematizar o baixo número de publicações relacionadas a temática, visto que ambos os portais se apresentam como portais que buscam referenciar os acontecimentos do município de Picos e que por consequência impactam suas rotinas, pois serão assuntos inseridos na esfera social dos consumidores de conteúdos de diferentes regiões.

Chamamos a atenção a esse fato, pois poderiam ter produzido matérias sobre a temática mesmo que de maneira subjetiva, por exemplo falando das férias, ou de algo relacionado à educação, como a pontuação de algum jovem em vestibulares ou do próprio Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Usamos esses exemplos simples, pois eles não seriam prejudiciais a nenhum tipo de juventude. Quando os portais, além de não publicarem materiais que associam os jovens ou a juventude a aspectos positivos, passam a vinculá-los exclusivamente a acontecimentos negativos. Em relação a isso podemos perceber as práticas de assujeitamento típicas da produção de subjetividades capitalísticas.

Guattari e Rolnik (2007) na obra “Micropolítica: cartografias do desejo” discorrem sobre três formas de assujeitamento: segregação, culpabilização e o que podemos chamar de silenciamento. Lendo esses três modos de assujeitar o outro, podemos constatar que as matérias estão seguindo essa lógica, pois como demonstramos na tabela 01- os modelos discursivos em que os jovens/juventude aparecem além de poucos, para o recorte de um mês, são atrelados ao modelo discursivo de “aviãozinho”, expressão que significa uma espécie de traficante de um baixo escalão; irresponsável e vítima.

Guattari e Rolnik (2007) entendem que a produção de subjetividades na modernidade tem a “cultura de massa” como grande revendedora de indivíduos cada vez mais normatizados/padronizados/sujeitados, assim, compreendem que essa cultura produz subjetividades individualizadas homogeneizadas, e pensando nestas discussões compreendemos que é o caso das juventudes apresentadas pelos portais.

Outro ponto que queremos mencionar é que na perspectiva geral o jovem está sendo representado apenas no contexto da violência pelos textos jornalísticos que compõem o corpus desta pesquisa, em todos os textos nota-se que as maneiras de apontar os jovens/juventude é evocado pela voz do jornalista e por indivíduos que representam alguma instituição de poder, não há outros tipos de fontes nem entrevistados, até mesmo na matéria relacionada a morte de um jovem em um acidente de trânsito, onde se poderia ter ouvido alguma testemunha, ou até mesmo a família do mesmo.

Neste sentido, trazemos à memória as discussões de Guattari e Rolnik (2007) no tocante à produção de subjetividades capitalísticas. Seguindo essa linha de pensamento, compreendemos através de Foucault (2004), que o poder faz com que a mídia e o jornalismo molde as subjetividades e suas narrativas de acordo com uma lógica de mercado, e neste sentido acabe por utilizar as instituições “mais poderosas” para a construção de seus discursos, alimentando as suas relações de poder entre si.

No caso das matérias que analisamos observamos isso ao voltarmos-nos às fontes utilizadas para a construção das reportagens, entre elas estavam a Companhia do Batalhão Especial de Policiamento do Interior (BEPI), e a Polícia Rodoviária Federal (PRF), mesmo na primeira matéria, em que o portal utiliza o subtítulo afirmando que “o jovem assumiu o papel de aviãozinho do tráfico na cidade” só temos a afirmação do discurso oficial, ou o legítimo para a população que acessa a matéria. Percebemos com Foucault (2004) que quando os portais utilizaram dessa oficialidade nas matérias eles estão construindo uma ideia institucionalizada, como uma ferramenta ideológica organizacional, onde frequentemente excluem vozes e perpetuam discursos estereotipados.

Dando início a análise de cada matéria especificamente, a primeira matéria foi publicada pelo portal RiachaoNet no dia 04/01/2024 com o título “Adolescente de 16 anos é detido com grande

quantidade de drogas em Picos”, a matéria de maneira geral apenas reforça a representação de uma juventude, ou de um jovem problemático e criminoso.

Esse tipo de representação que vincula o jovem pobre ao perigo passa a ser ancorado na concepção de juventude da população. Supomos como pobre, pois a própria matéria deixa isso subentendido quando escrevem “O adolescente admitiu ser “aviãozinho” de um traficante local, revelando que recebia a quantia de R\$200,00 diariamente pela função”. Um jovem com essa idade e por esse valor de ganho não nos deixa dúvida quanto a sua classe social, pois alguém que possui o mínimo de estabilidade financeira não se colocaria em risco por um valor tão baixo.

A relação entre juventude, pobreza e periculosidade social no Brasil, discutida por Coimbra e Nascimento (2003), nos ajuda a pensar a trama de saber-poder-subjetivação na qual se destacam os processos de subjetivação das juventudes pobres no Brasil, evidenciando a associação entre pobreza, risco, periculosidade e violência ademais como as ações repressivas baseadas na lógica capitalista perpetuam ciclos de violência e exclusão ao rotular os jovens como “perigosos”.

O estereótipo do “jovem perigoso” se destaca como uma das principais expressões do “inimigo público”, o que contribui para a sua desumanização, especialmente ao atrelar essa ideia no contexto local/regional, onde as pessoas acreditam que tais notícias retratam a realidade do contexto onde estão inseridas. Corroborando com esse pensamento Vera Malaguti Batista (2003) nos ajuda a compreender como estereótipo do “bandido” se personaliza na imagem do jovem, para ela a mídia, legítima e produz esse estereótipo quando os apresenta como instrumentos do medo, contribuindo para a legitimação de práticas de violência, linchamento ou torturas.

Nesse caso, o jovem foi estereotipado para os consumidores das matérias como perigoso, sendo rotulado de forma generalizada como “bandido” e “violento”, pois quem acessa as matérias irá associar o jovem a esse contexto de criminalidade, principalmente no contexto regional que implica em algo próximo, o que fortalece e acelera essa ideia no imaginário da coletividade, conforme Barreiras Duarte (2005) tendo uma associação mais rápida e potente.

A segunda matéria foi publicada pelo portal Cidades na Net no dia 05/01/24, com o título “Colisão entre moto e carro deixa jovem gravemente ferido em Picos”. A publicação no geral narra o acontecimento, vulgo acidente, envolvendo um jovem de 22 anos. O que queremos problematizar primeiramente é que a matéria apresenta uma suposição do que teria causado o acidente e logo em seguida narra que o condutor de 37 anos saiu ileso e o jovem de 22 anos ficou gravemente ferido.

A suposição dada é que o acidente ocorreu por imprudência de um dos condutores ao ultrapassar a velocidade, e quando afirma que o condutor de 37 anos saiu ileso, deixa subentendido que foi o jovem de 22 anos o causador do fato. Assujeitar o jovem na matéria o ligando a imprudência

ou irresponsabilidade mesmo que de maneira indireta promove uma produção de significados para uma maioria que consome esses conteúdos e que ancoram essas ideias a suas realidades. Isso é um problema, quando em municípios pequenos por exemplo um morador lê essa matéria todos os jovens a um perigo no trânsito, os tornando sujeitos indesejáveis.

A última matéria narra como na segunda um acidente de trânsito, mas ao contrário dela, o jovem aparece como vítima, como alguém que merecia viver devido a sua pouca idade. É interessante observar essa perspectiva, pois em nosso senso comum associamos muitas vezes o jovem como um ser frágil digno de cuidado. Isso porque consumimos os produtos midiáticos que em geral representam crianças e adolescentes em situação de risco social, contribuindo para estigmatizá-las.

Percebemos então o papel da mídia como possuidora do papel de construção do senso comum, que nas palavras de Motta (2013) é construído ao ordenarmos ideias em pensamentos coerentes buscando significados. Ainda sobre a colocação do jovem como vítima, o portal utiliza um elemento fundamental para fomentar essa ideia que é a imagem do jovem, que é branco, mostrando seus traços que evidenciam sua pouca idade, nos causando a ideia de que “um futuro foi tirado dele”.

Ao voltarmo-nos para essa matéria foi impossível não lembrarmos do (ICC) proposto por Rolnik (2018), pois observamos que a narrativa muda totalmente quando se trata de um jovem branco, isto porque a lógica de mercado é uma lógica racista. Trazemos novamente a autora e o seu entendimento quanto a operalização do ICC o qual mantém vivo a dinâmica psíquica da escravidão que ainda não terminou sendo refletido a partir de subjetividades esvaziadas ou moldadas pelos códigos da branquitude.

Ou seja, para o mercado capitalista o jovem branco deve ser observado como vítima, e o jovem negro, deve ser observado como bandido, mesmo que se “tornar bandido” seja a única alternativa devido as desigualdades sociais no Brasil, conforme explicaram Coimbra e Nascimento (2003).

Além disso, Foucault (1987) deixa claro que o que qualifica alguém como delinquente não são exatamente seus atos infracionais, mas, acima de tudo, sua própria vida sugerindo que essa qualificação é resultado de um processo de normalização, onde a sociedade estabelece normas e padrões de comportamento, e quando um indivíduo transgride essas normas, ele pode ser rotulado como delinquente. Ele ainda acrescenta que essa rotulação é influenciada por fatores como classe social, raça e contexto cultural, refletindo relações de poder que perpetuam estigmas e marginalizações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a mídia como um dos vários mecanismos de poder que pautam estilos de vida, comportamentos e subjetivação, atuando através de seus discursos da mídia difundindo desejos,

anseios e necessidades etc, além disso as mídias elas também fazem circular como certos indivíduos se veem e são vistos pela coletividade, produzindo modelos de identidades que reforçam certas tipificações em detrimento de outras.

Através das discussões de Guattari e Rolnik (2007) a respeito da produção de subjetividades capitalísticas e consoante ao pensamento Foucault (2004), compreendemos que as relações de poder fazem com que a mídia e o jornalismo molde as subjetividades e suas narrativas de acordo com uma lógica de mercado.

Sobre as noções de juventude entendemos que não podemos totalizar ou homogeneizar todos os jovens da mesma maneira. Sob o viés dos autores Margulis e Urresti (2008), ancoramos nosso olhar sobre juventudes, por entender que a homogeneização dos modos de juventude é prejudicial às subjetividades conforme Guattari (2011) e Rolnik (2018) sob a ótica de Guattari (2011).

Observamos que os portais regionais em suas publicações produziram/reproduziram narrativas ligando o jovem/juventude sempre em contextos negativos estereotipando-os como bandido, irresponsável e até mesmo vítima. E essa produção/reprodução por parte dos meios de comunicação tem consequências, como relatado principalmente no contexto local/regional, conforme Duarte (2005).

Percebemos também que a intersecção de juventude, pobreza e periculosidade social no Brasil retoma uma trama de saber-poder-subjetivação na qual se destacam os processos de subjetivação das juventudes pobres no Brasil, além disso, que as ações repressivas baseadas na lógica capitalista perpetuam ciclos de violência e exclusão ao rotular os jovens como “perigosos”, discutida por Coimbra e Nascimento (2003).

E que além disso, conforme Foucault (1987) a qualificação de alguém como delinquente é resultado de um processo de normalização, onde a sociedade estabelece normas e padrões de comportamento, ademais que essa rotulação sofre influências de fatores como classe social, raça e contexto cultural, refletindo relações de poder que perpetuam estigmas e marginalizações.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTA, Vera Malaguti. (2003). **Difíceis ganhos fáceis:** drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Renavan.
- BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** In: PIERRE BOURDIEU. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1978. p. 112-121
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013.
- CIDADES NA NET. Disponível em: <<https://cidadesnanet.com/portal/>>. Acesso em: 17 mai. 2025.
- COIMBRA, Cecília; NASCIMENTO, Maria Lívia. (2003). **A produção de crianças e jovens perigosos:** a quem interessa. Rio de Janeiro: DP & A, 58-63.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DUARTE, Feliciano Barreiras. **Informação de proximidade:** jornais e rádios. 2005.
- FREITAS, Rute Damaris; DA SILVA, Lívia Fernanda Nery. Representações acerca de jovens nerds constituídas nos discursos do programa NerdCast. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 12, n. 23, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Microfísica do poder.** 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. (2007). **Micropolítica:** cartografias do desejo Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre a iniciação à pesquisa científica.** 2.ed. Campinas, SP; Alínea, 2011.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: Margulis, M. (org.). **La juventud es Más Que una Palabra.** Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 25.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2013.
- PERUZZO, C. M. K. **Mídia local, uma mídia de proximidade.** Comunicação: Veredas, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 65-89, nov. 2003.

RIACHAONET. Disponível em: <<https://www.riachaonet.com.br/portal/>>. Acesso em: 17 maio. 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018. SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.